

RESUMO DA OBRA: A DEMOCRACIA NA AMÉRICA DE ALEXIS DE TOCQUEVILLE

INTRODUÇÃO

Alexis de Tocqueville chegou em Nova Iorque em 1831, com 25 anos de idade. Tocqueville viajou com o interesse em estudar a democracia e a vida sócio-política dos Estados Unidos. A principal obra de tocqueville intitula-se A democracia na América escrita em 1835 e 1840, em dois volumes. Nesta obra tocqueville procurou construir um “tipo ideal” de democracia.

O que mais impressionou a Tocqueville foi a igualdade das condições entre os americanos: “a igualdade, e não a liberdade, constitui o verdadeiro sinal da democracia”. Tocqueville foi contrário à Aristocracia e ao individualismo: “O individualismo é a ‘ferrugem das sociedades’, esvazia o cidadão de toda substância, esvaziando-se de civismo; estanca-lhe a fonte das virtudes públicas; dele torna a fazer um súdito, senão um escravo, oscilando sem dignidade entre a servidão e a licença Apud Chevallier, p.260.

Tocqueville descreveu os hábitos, costumes assim como a organização social e política dos Estados Unidos: “Tocqueville estudava a descrição de hábitos e costumes de um povo e sua organização social até a explicação de sua estrutura de dominação, de suas instituições políticas e das relações do Estado com a sociedade civil. Apud Célia Galvão Quirino, p.152. É importante mencionar que, para Tocqueville liberdade e igualdade significa o mesmo que democracia.

Tocqueville, ao elaborar o conceito democracia, apresenta-o como um processo universal: “é universal, durável e todos os acontecimentos, como todos os homens, servem ao seu desenvolvimento. Querer parar a democracia pareceria então lutar contra Deus”, apud Galvão Quirino, p.154.

Sobra a igualde de condição, assim se expressa Tocqueville: “igaldade de condições não significa apenas igualdade econômica, mas igualdade cultural e política que está assentada sua idéia de que, no desenvolvimento do processo democrático, um povo torna-se-á cada vez mais homogêneo” apud Galvão Quirino, p.154.

“O preço da liberdade é a eterna vigilância”, Frase de Thomas Jéferson que inspirou Tocqueville a formular a seguinte frase: “para viver livre é necessário habituar-se a

uma existência plena de agitação, de movimento, de perigo; velar sem cessar e lançar a todo o momento a um olhar inquieto em torno de si: este é o preço da liberdade” Idem, p.157

Tocqueville discordou das várias formas de socialismo da época, assim como condenou o Estado intervencionista como sendo o único responsável pela direção política da nação. Esse Estado interventor é um Estado despótico, no qual a liberdade dos cidadãos desaparecerá, idem, p.159. Da mesma forma Tocqueville acredita que a democracia e o socialismo não se vinculam senão por uma palavra, a igualdade; mas observa a diferença: a democracia quer a igualdade na liberdade e o socialismo quer a igualdade na sujeição e na servidão, idem p.187.

PREFÁCIO:

Tocqueville no Prefácio da sua obra argumenta que o objetivo central da sua obra é tratar do próximo advento, irresistível e universal, da democracia no mundo.

Tocqueville estudou a democracia norte-americana com o intuito de compreender e tirar proveito dos exemplos bem sucedidos daquele país, principalmente os princípios dos quais repousam as constituições americanas, princípio de ordem e equilíbrio de poderes, de profundo e sincero respeito ao direito, que são indispensáveis a todas as repúblicas e que todos deve ser comuns; e pode afirmar-se desde logo que, onde não se encontrarem, cedo terá a república deixado de existir. p. 10

INTRODUÇÃO

Tocqueville fala da igualdade de condições. p. 11

Neste caso, querer deter a democracia seria como que lutar contra o próprio Deus, e só restaria às nações acomodar-se ao estado social que lhe impõe a Providência

Tocqueville cita a América como exemplo e o desejo de Tocqueville ver a França tornar-se como os Estados Unidos: “Parece-me fora de dúvida que, cedo ou tarde, chegaremos como os americanos, a igualdade quase completa. p.19”

O objetivo de Tocqueville estudar a América para poder usufruir dela os ensinamentos fundamentais: “Não foi apenas para satisfazer uma curiosidade, aliás,

legítima, que examinei a América; desejei encontrar ali ensinamentos dos quais pudéssemos tirar proveito”, p. 19”.

Na Primeira Parte da obra *A democracia na América*, Tocqueville descreve os aspectos exteriores da América sua geografia e a formação étnica de seu povo. Apresenta as características do rio Mississipi, p. 24, seus vales; assim como fala dos nativos (índios), p.27: “O índio sabia viver sem necessidades, sofrer sem se queixar e morrer cantando, p.28. Os índios eram desprovidos de qualquer ambição material, não possuíam a posse da terra, viviam da caça: “os índios o ocupavam; não os possuíam, porém. É pela a agricultura que o homem se apropria do solo, e os primeiros habitantes da América do Norte viviam do produto da caça, p. 29”.

No capítulo 2, Tocqueville trata da origem dos anglo-americanos e de sua importância para o futuro: “os povos guardam sempre as marcas da sua origem. As circunstâncias que acompanharam o seu nascimento e serviram ao seu desenvolvimento influem sobre todo o resto de sua existência”, p.29. Sobre o caráter de homogeneidade dos imigrantes, assim se expressa Tocqueville: “Todos os imigrantes falaram a mesma língua; eram todos os filhos de mesmo povo, p.30”. Porém, os imigrantes não os ricos nem mesmo os felizes. Os imigrantes, por necessidades, são obrigados a buscar novos mundos, novas realidades: “Não são os felizes e os poderosos que se exilam, e a pobreza assim como a infelicidade são as melhores garantias de igualdade que se conhecem entre os homens, p.31”. Tocqueville cita a Virgínia como a colônia inglesa que recebeu os primeiros imigrantes, da qual chegaram no ano de 1607, p.31.”

Sobre a escravidão, Tocqueville argumenta que é um mal: “a escravidão desonra o trabalho; introduz a ociosidade na sociedade e, com ela, a ignorância e o orgulho; a pobreza e o luxo. Obnumbra os poderes da mente e adormece a atividade humana, p.32”. O sul, diz tocqueville era mais escravista e o norte (Nova Inglaterra) mais desenvolvido. Os imigrantes ingleses trouxeram como característica o puritanismo religioso, p.32. Dessa forma, o puritanismo, como já disse antes, era uma teoria política quase tanto quanto uma doutrina religiosa, p.35”. Os imigrantes trouxeram consigo leis severas contra a prostituição, preguiça e adultério..., p.38-39.

No capítulo 3, Tocqueville trata da situação social dos anglo-americanos. A democracia se originou já no início das colônias: “é eminentemente democrática. Teve esse caráter já ao nascimento da Colônia; tem-no mais ainda hoje em dia, p . 44”.

No capítulo 4 Tocqueville argumenta sobre o princípio da soberania do povo na América. As leis estão subordinadas à soberania do povo: “Quando se deseja falar das leis políticas dos Estados Unidos, é sempre pelo dogma da soberania do povo que se há de começar, p.50”.

Tocqueville descreve o poder que emana do povo: “o povo participa da composição das leis, pela escolha dos legisladores, da sua aplicação pela eleição dos agentes do poder executivo; pode-se dizer que ele mesmo governa, tão frágil e restrita é a parte deixada à administração, tanto se ressentem esta da sua origem popular e obedece ao poder de que emana. O povo reina sobre o mundo político americano como Deus sobre o universo. É ele a causa e o fim de todas as coisas; tudo sai do seu seio, e tudo se absorve nele, p. 52”.

No capítulo 5 Tocqueville vê a necessidade de estudar o que se passa nos estados, em particular, antes de falar do governo da União, das pequenas nações soberanas, p.52, da primeira comuna (administração da justiça); do segundo condado (primeiro centro judiciário) e, terceiro do estado.

No capítulo VIII, Tocqueville trata do histórico da constituição Federal e fala da união das treze colônias e a formação da nação americana: “As treze colônias que, simultaneamente, abandonaram o jugo da Inglaterra, no fim do século passado, tinham, como já disse, a mesma religião, a mesma língua, os mesmos costumes, quase as mesmas leis, lutavam contra um inimigo comum e por isso deviam ter fortes razões para se unirem intimamente uma às outras e se absorver numa só e mesma nação, p.91”.

Na Segunda Parte da obra, Tocqueville trata da questão da soberania do povo: “é o povo que governa”, pois, “na América, o povo designa aquele que faz a lei e aquele que a executa; constitui ele mesmo o júri que pune as infrações à lei, p. 136”. A América sempre será tratada por Tocqueville como exemplo da democracia ideal: “A América é a terra da democracia. Por isso, os Federalistas sempre estiveram em minoria; contavam, porém, nas suas fileiras quase todos os grandes homens que a Guerra de Independência fizera surgir, e o seu poder moral era muito amplo, p.137”.

Tocqueville deixa bem clara a diferença do norte da América (manufatureiro) e o sul com uma vocação agrícola: “É assim que se viu, não faz muito tempo, o norte manter o sistema de proibições comerciais e o sul pegar em armas em favor da liberdade do comércio, pela simples razão de que o Norte é manufatureiro e o Sul, agricultor, e de que o sistema restritivo age em proveito de um e em detrimento do outro, p138.”

Tocqueville trata da liberdade de imprensa nos Estados Unidos e diz que, “não há um povoado que não tenha o seu jornal”, p.144. A imprensa é considerada como um dos primeiros poderes: “Nos Estados Unidos, cada jornal tem, individualmente pouco poder; mas a imprensa periódica ainda é, depois do povo, o primeiro dos poderes, p.145”.

No capítulo IV da obra A democracia na América, Tocqueville trata da associação política nos Estados Unidos: “A América é o país do mundo onde mais se tirou partido da associação e onde se tem aplicado esse poderoso meio de ação à maior diversidade de objetos, p.146”. Diz Tocqueville que a associação nos Estados Unidos vem de berço: “Desde o seu nascimento, aprende o habitante dos Estados Unidos que precisa apoiar-se sobre si mesmo para lutar contra os males e os embaraços da vida, p.146”. A associação dos norte-americanos visam alcançar vários fins: “Por fim, unem-se para resistir a inimigos inteiramente intelectuais: combate-se em comum a intemperança. Nos Estados Unidos, há associação com finalidade de segurança pública, de comércio, indústria, de moral e religião. Nada há que a vontade humana se desespere de atingir pela ação simples do poder coletivo dos indivíduos, p.147”. A associação é causa de união e progresso: “A associação enfeixa os esforços dos espíritos divergentes e os impele com vigor para uma única finalidade claramente indicada por ela, p.147”.

O interesse coletivo dos habitantes dos Estados Unidos é enaltecido por Tocqueville: “Como se explica que, nos Estados Unidos, onde os habitantes apenas ontem chegaram ao solo que ocupam, aonde não levaram nem costumes nem lembranças, aonde se encontraram pela primeira vez sem se conhecer, aonde, numa palavra, o instinto da pátria pode apenas existir como se explica que todos se mostrem interessados pelos negócios de sua comuna, de seu cantão, e do Estado inteiro como se fossem deles próprios?, p.183”.

O interesse coletivo é o que mais sobressai entre os imigrantes: “Mal desembarcamos no solo americano, vêmo-nos no meio de uma espécie de tumulto; de todas as partes, eleva-se um confuso clamor; mil vozes chegam ao mesmo tempo aos nossos ouvidos, cada qual a exprimir algumas necessidades sociais. Em nossa volta, tudo se movimenta: aqui é o povo de um bairro que se reúne para saber se há de construir uma Igreja; ali, trabalha-se para escolher um representante; mais além, os delegados de um cantão dirigem-se à cidade a toda pressa, afim de deliberar sobre certos melhoramentos locais; noutra parte, são os agricultores de uma aldeia que abandonaram seus arais para discutir o plano de uma estrada ou de uma escola. Reúnem-se cidadãos com a finalidade exclusiva de declarar que desaprovam a marcha do governo, ao passo que outros se reúnem a fim de proclamar que os homens da administração são os pais da pátria. E eis que outros ainda, considerando a embriagues como a principal fonte dos males do Estado, vem comprometer-se solenemente a dar o exemplo da temperança, p.187-188”. A discussão e o debate são comuns entre os habitantes dos Estados unidos: “O americano não sabe conversar, mas discute, não discorre, mas disserta. Fala-nos sempre como se o fizesse a uma assembléia e, se lhe ocorre por acaso, acolorar-se, dirá: Senhores, dirigindo-se ao seu interlocutor, p.188.” Em outras palavras: “Exetudado o tumulto, é como se a própria maioria deliberasse em praça pública, p.191”. Sobre a liberdade de discussão diz Tocqueville: “Não conheço país onde reine, em geral, menos independência de espírito e verdadeira liberdade de discussão, do que na América, p.197”.

Tocqueville resume a idéia principal da sua obra na seguinte frase: “Resta-me dizer apenas uma palavra sobre este tema: se, de modo nenhum, consegui fazer sentir ao leitor, no curso dessa obra, a importância que atribuía à experiência prática dos americanos, aos seus hábitos, às suas opiniões, numa palavra, aos seus costumes, na manutenção das suas leis, fálhou-me a finalidade principal que me propunha a escrevê-lo, p.237”. O que é central na obra: os hábitos e costumes são as bases da manutenção das leis: “A minha finalidade foi mostrar, pelo exemplo da América, que as leis, e sobretudo os costumes, podiam permitir a um povo democrático permanecer livre, p.242”

Sobre as três raças que habitaram os Estados Unidos, Tocqueville tem as seguintes posições: “Entre aqueles homens, o primeiro que atrai os olhares, o primeiro a saber, em força, em felicidade, é o homem branco, o europeu, o homem por excelência; abaixo dele

surgem o negro e o índio, p.243-244”. Tocqueville, como podemos notar na afirmação acima, considera o homem branco com um ser de nível superior, enquanto que o negro e o índio (animais selvagens) são considerados seres inferiores, discriminados, portanto, p.244-245

Nesta parte da obra, Tocqueville volta a mencionar as diferenças entre o sul e o norte dos Estados Unidos. O sul, mais escravista e o norte mais industrial (navios, fábricas, estrada de ferro e canais), p.266. No sul perdurou a escravidão por muitos anos: “O sul poderia perfeitamente, a rigor, abolir a servidão, mas, como livrar-se-ia dos negros?, p.271.

Nos estudos de Tocqueville percebe-se que os anglo-americanos tem orgulho de pertencer a esta nação, inclusive acreditam que são um povo escolhido, diferentes dos demais povos do mundo: “Ao mesmo tempo que os anglo americanos estão assim unidos por ideais comuns, estão separados de todos os demais povos por um sentimento, o orgulho. Há cinquenta anos, não se pára de repetir aos habitantes dos Estados Unidos que constituem o único povo religioso esclarecido e livre (...) acreditam que se constituem uma espécie à parte do gênero humano, p.287.

Tocqueville já previa em seus estudos que os Estados Unidos seria uma potência que dominariam o mundo: “Os americanos dos Estados Unidos, façam o que fizerem, tornar-se-ão um dos maiores povos do mundo; cobrirão com seus ramos quase toda a América do Norte; o continente que habitam é o seu domínio e não poderia escapar-lhe nunca. Então, que os impele a tomar posse dele desde logo?, p.293.

Sobre a democracia dos gregos, Tocqueville tem a seguinte idéia: “Em Atenas, todos os cidadãos tomavam parte dos negócios públicos; havia ali; porém apenas vinte mil cidadãos, em mais de trezentos e cinquenta mil habitantes; todos os outros eram escravos e desempenhavam a maior parte das funções que hoje em dia pertencem ao povo e mesmo às classes média. Atenas, com o seu sufrágio universal, não era, pois, afinal de contas, senão uma república aristocrática, onde todos os nobres tinham direito igual ao governo, p.360”.

Todo o empreendimento pessoal e comunitário dos americanos está em manter a democracia através de uma maior igualdade e liberdade p. 383, por isso, procuram se esforçar para manter a coisa pública e a ajuda mútua: “Devo dizer que muitas vezes vi

americanos fazerem grandes e verdadeiros sacrifícios à coisa pública, e observei cem vezes que, quando necessário, quase nunca se furtam de prestar fiel apoio uns aos outros, p.391.”

Na afirmação a seguir, fica explícito o caráter associativo da vida civil dos americanos; “Os americanos de todas as idades, de todas as condições, de todos os espíritos, estão constantemente a se unir. Não só possuem associações comerciais e industriais, nas quais tomam parte, como ainda existem mil outras espécies: religiosos, morais, graves, fúteis, muito gerais e muito pequenas. Os americanos associam-se para dar festas, fundar seminários, construir hotéis, edifícios, igrejas, distribuir livros, enviar missionários aos antípodas; assim também criam hospitais, prisões, escolas, p. 391-392”.

A ação recíproca é fundamental para a edificação do sentimento comunitário: “Os sentimentos e as idéias não se renovam, o coração não cresce e o espírito não se desenvolve a não ser pela ação recíproca dos homens uns sobre os outros, p.393. Da mesma forma, “para que os homens permaneçam civilizados ou assim se tornem, é preciso que entre eles a arte de se associar se desenvolva e aperfeiçoe na medida em que cresce a igualdade de condições, p.394.

Tocqueville também aponta para a importância de um meio impresso (jornal), para a comunidade: “Assim, quase não há associação democrática que possa passar sem um jornal, p.395”. Existe uma relação recíproca entre associações e jornais: Existe, pois, uma relação necessária entre as associações e os jornais: os jornais fazem as associações e as associações fazem os jornais, p.395 e conclui, “Por isso, são os Estados Unidos o país onde se encontram, ao mesmo tempo, mais associações e mais jornais, p.395.

Diz Tocqueville que a religião dos americanos é o que mantém as instituições políticas: “Examinei, noutra local dessa obra, as causas às quais deveria atribuir-se a manutenção das instituições políticas dos americanos, e a religião pareceu-me uma das principais, p.414.